



## **Livro fechado**

Era uma vez um livro. Um livro fechado. Tristemente fechado. Irremediavelmente fechado.

Nunca ninguém o abrira, nem sequer para ler as primeiras linhas da primeira página das muitas que o livro tinha para oferecer.

Quem o comprara trouxera-o para casa e, provavelmente insensível ao que o livro valia, ao que o livro continha, enfiara-o numa prateleira, ao lado de muitos outros.

Ali estava. Ali ficou.

Um dia, mais não podendo, queixou-se:

— Ninguém me leu. Ninguém me liga.

Ao lado, um colega disse:

— Desconfio que, nesta estante, haverá muitos outros como tu.

— É o teu caso? — perguntou, ansiosamente, o livro que nunca tinha sido aberto.

— Por sinal, não — esclareceu o colega, um respeitável calhamaço. — Estou todo sublinhado. Fui lido e relido. Sou um livro de estudo.

— Quem me dera essa sorte — disse outro livro ao lado, a entrar na conversa. — Por mim só me passaram os olhos, página sim, página não... Mas, enfim, já prestei para alguma coisa.

— Eu também — falou, perto deles, um livrinho estreito. — Durante muito tempo, servi de calço a uma mesa que tinha um pé mais curto.

— Isso não é trabalho para livro — estranhou o calhamaço.

— À falta de outro... — conformou-se o livro estreitinho.

Escutando os seus companheiros de estante, o livro que nunca fora aberto sentiu uma secreta inveja. Ao menos, tinham para contar, ao passo que ele... Suspirou.

Não chegou ao fim do suspiro, porque duas mãos o foram buscar ao aperto da prateleira. As mãos pegaram nele e poisaram-no sobre os joelhos.

— Tem bonecos esse livro? — perguntou a voz de uma menina, debruçada sobre o livro, ainda por abrir.

— Se tem! Muitos bonecos, muitas histórias que eu vou ler-te — disse uma voz mais grave, a quem pertenciam as mãos que escolheram o livro da estante.

Começou a folheá-lo e, enquanto lhe alisava as primeiras páginas, foi dizendo:

— Este livro tem uma história. Comprei-o no dia em que tu nasceste. Guardei-o para ti, até hoje. É um livro muito especial.

— Lê — exigiu a voz da menina.

E o pai da menina leu. E o livro aberto deixou que o lessem, de ponta a ponta.

Às vezes, vale a pena esperar.

António Torrado  
*www.historiadodia.pt*